

ANACRHÔNICAS DA FRANCA DO IMPERADOR nº 21 2024_20mai

MOTIVO PARA BRIGAR

Nos anos 1970, antes da construção do calçadão na região central de Franca, a Rua Marechal Deodoro ao longo da Praça Barão da Franca era um movimentado ponto de encontro da juventude local, com seus bares e restaurantes, os mais famosos o “Barão” e o “Pajé”. Ali se acotovelavam centenas de barulhentos jovens bebendo, conversando, paquerando (para usar uma palavra da época), enfim, socializando como se diz hoje. O horário era sempre o mesmo, antes ou depois das sessões de cinema de rua que ainda existiam.

Muitos desses jovens ficavam apenas observando, atentos ao movimento e o ocorrido decorreu desse tipo de observador. Num determinado momento, os paralelepípedos da Rua Marechal Deodoro viram dois grandes modelos de carrões da época se movimentarem para estacionar nas estreitas vagas que ainda restavam no lugar. O motorista de um deles, ainda inexperiente, acabou batendo de leve no para-choque do outro, mas sequer produziu um arranhão no metal escovado, foi apenas um leve empurrão.

No entanto, o motorista do veículo atingido desceu alterado e se dirigiu até o outro, que também estava saindo do carro. Foi logo chamando o outro de motorista “barbeiro” (outra expressão da época) e outras barbaridades. O baixinho não se deu por achado, revidou na mesma moeda e começou um festival de baixarias, um gritando e xingando mais que o outro, foi juntando gente em volta atraída pela treta num tempo em que não existia celular, internet e rede social, briga era ao vivo e a cores. O tom cada vez mais raivoso levava a crer que a treta ia se transformar num ringue de luta livre, já tinha torcida para cada um dos dois motoristas, vaias, gritos, apupos. Enquanto isso, encostado na parede do restaurante Pajé, nosso jovem observador apenas olhava e acompanhava o desenrolar da treta.

Até que em determinado momento, quando a discussão se tornava ainda mais acalorada, ele saiu do lugar onde estava, abriu a porta de um dos carros, entrou, sentou, ligou o carro (as chaves ainda estavam lá) engatou a ré e repentinamente deu uma porrada no outro veículo que arreventou os para-choques dos briguentos.

Desceu do carro com as chaves na mão e entregou pro baixinho, decretando: “pronto, agora vocês tem um motivo de verdade pra brigar, podem continuar a vontade”. Virou as costas e desapareceu sem saber o que aconteceu depois ante o olhar incrédulo da plateia e dos dois enguiçados.

Moral da história. Imagino que hoje, aquele jovem e então arguto observador da cena humana, com o advento da internet, continuou sendo um observador do mundo, mas não interfere mais em nada de verdade. Certamente aposentado, sozinho e isolado nas noites insones com seu iphone apenas consome, acredita piamente e reproduz diariamente sem sequer pensar a seus contatos, automaticamente, aos borbotões, centenas de fake news geradas nos porões e algoritmos da ultradireita suas piadas misóginas, mentiras infames, discursos de ódio, desinformação e patacoadas de todo tipo, o pão nosso de cada dia de forças políticas radicais inescrupulosas que crescem tentando desmoralizar inimigos imaginários para alimentar tretas inúteis como a que encerrou no século passado.

Diria que deve ter se tornado uma espécie de Policarpo Quaresma dos tempos atuais, um Policarpo digital que surge apenas no solitário sofá de sua casa, embora duvide que tenha lido e entendido Machado de Assis.

Mauro Ferreira é arquiteto